OLHARES GENERALIZADOS SOBRE A VIOLÊNCIA E O *BULLYING* NA REDE PÚBLICA DE ENSINO

Joicimar Cristina Cozza, Bruno César Lima

Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium- UniSALESIANO, Curso de Psicologia, Araçatuba, SP. E-mail: joice_cozza@hotmail.com.

RESUMO

A violência no ambiente escolar entre os adolescentes, mais especificamente, o *bullying*, objeto do presente estudo, define-se como qualquer ato praticado de maneira isolada ou em grupo nas instituições de ensino envolvendo o corpo discente que se caracterize pela repetição e seja marcado por situações de agressão física, humilhação, constrangimentos, exclusão, dano moral, bem como preconceitos referentes à gênero, raça/etnia, que causem danos físicos, morais ou sociais à vítima. A pesquisa objetivou investigar as representações sobre o *bullying* entre professores e professoras da escola pública e suas conexões com gênero. Constituiu-se de uma pesquisa de campo, com análise qualitativa e resultados apresentados nas análises das entrevistas. O universo pesquisado foi de duas escolas públicas do município de Araçatuba, interior do estado de São Paulo por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com professores e professoras em visita *in loco*.

Palavras-chave: violência; escola pública; *bullying*; gênero; Brasil.

GENERALIZED VIEWS ON VIOLENCE AND BULLYING IN THE PUBLIC EDUCATION NETWORK

ABSTRACT

Violence in the school environment among adolescents, more specifically, bullying, object of the present study, is defined as any act practiced in an isolated or group way in institutions of education involving the student body that is characterized by repetition and is marked by Situations of physical aggression, humiliation, constraints, exclusion, moral damage, as well as prejudices regarding gender, race / ethnicity, that cause physical, moral or social damages to the victim. The research aimed to investigate the representations about bullying between public school teachers and their connections with gender. It consisted of a field research, with qualitative analysis and results presented in the analysis of the interviews. The research sample was from two public schools in the city of Araçatuba, in the interior of the state of São Paulo, through semi-structured interviews with teachers and teachers on an in loco visit.

Keywords: violence; public school; bullying; genre; Brazil.

INTRODUÇÃO

A violência contra e entre adolescentes, embora seja um fenômeno antigo, tem sido alvo de estudos de pesquisadores somente há algumas décadas. Entende-se que a violência é uma forma de relação social que está inexoravelmente atada ao modo pelo qual as pessoas produzem e reproduzem suas condições sociais de existência. Sob esta ótica, a violência expressa padrões de sociabilidade, modos de vida, modelos de comportamento que se atualizam nas sociedades contemporâneas, nos marcos de seus processos históricos (Guerra, 2001). Dessa forma, considera-se no presente estudo que o fenômeno da violência exige uma reflexão a partir de uma abordagem multicausal, tendo em vista suas raízes socioculturais e históricas. Socioculturais, por dimensionar a pessoa como participante de grupos e inserida num contexto cultural que a identifica; histórico, porque os fatores de produção e reprodução das relações estabelecidas nos diversos ambientes dos quais os indivíduos participam, são expressos em opiniões, crenças, valores e representações relativas às várias concepções historicamente dadas sobre a violência.

A violência não necessariamente compreende atos físicos, podendo se aplicar à dimensão da intersubjetividade, passando por elementos psicológicos, mas igualmente é inseparável de políticas que negligenciam e exploram pessoas.

No decorrer desse estudo os termos feminilidades e masculinidades foram utilizados, por abranger um campo mais amplo de comportamentos prescritos e desempenhados socialmente. Nesse momento, utilizando a pesquisa quantitativa de Bandeira (2008), os termos meninas e meninos serão mantidos para a diferenciação inicial de acordo com os diferentes papéis quanto ao gênero.

Buscou-se nesse estudo, refletir sobre as manifestações de *bullying* que acontecem entre os adolescentes e suas representações pelos professores, bem como suas conexões com gênero.

METODOLOGIA

Na metodologia da investigação o estudo teve como base teórica o olhar do construcionismo social, marcadamente presente nas pesquisas brasileiras e que se constitui como produção teórica que ganhou destaque na literatura internacional, sobretudo na Psicologia nas últimas décadas. Para os autores desta corrente, as descrições do mundo não guardam correspondência com uma realidade situada para além das formas de dizê-la, mas são, elas próprias, maneiras de construção desta realidade.

Esta pesquisa teve como fundamento o método qualitativo. As bases desse método oferecem melhor exploração da subjetividade como objeto de conhecimento. (NOGUEIRA-MARTINS e BÓGUS, 2004).

As experiências vivenciadas na escola pelo professor e suas representações sobre o contexto escolar em relação ao *bullying* foram coletadas por meio da técnica de entrevista semiestruturada.

Na análise das informações coletadas nas entrevistas semiestruturadas foi adotado o método de análise temática de conteúdo, considerando a interpretação de sentidos fundamentada em princípios dialéticos e histórico-culturais visando interpretar a conjuntura, as razões e as lógicas das falas, bem como as ações e inter-relações estabelecidas com o coletivo e a instituição (MINAYO, 1993).

Anteriormente ao desenvolvimento da pesquisa, o projeto foi submetido à avaliação de Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de São Paulo- USP, em cumprimento dos preceitos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. O CEP FMUSP aprovou o Projeto e o número do protocolo é 283/13.

RESULTADOS

O ambiente escolar é marcado historicamente pela normatização e contribuiu para o processo de reatualização da designação de gênero iniciado na família. Moreno (1999), afirma que as crianças aprendem de modo muitas vezes sistemático, com padrões e condutas esperados para meninos e meninas.

Em referência aos aspectos do comportamento percebido em meninos e meninas em relação à recorrência de agressões físicas, apareceu quase a totalidade representada que a percepção é que esses comportamentos são exclusivamente dos meninos, além de observações sobre a sexualidade, enquanto às meninas foram atribuídos comportamentos vinculados à desmoralização, à estética e também à sexualidade: *A menina é mais frágil, mais frágil, então era muito mais assim... Na parte da fragilidade, não na parte da igualdade intelectual.* (Alberto)

Ao expressar suas percepções sobre os meninos, aspectos relacionados à violência física foram relatados como segue:

Os meninos, falando de disciplina assim tirando que é de todo mundo que é a conversa a bagunça, não querer ficar no lugar, gritar é brincadeira tipo assim brincadeira física, que eu acho que não tem que ter dentro da sala de aula, né, você pegar ficar brincando de bater... (João)

Quanto às diferenças entre os comportamentos de meninos e meninas na escola e, sobretudo, relatos acerca dos comportamentos dentro da sala de aula: *A menina, a menina bate, e as... a menina começa gritar, ela xinga, né? É... Tem uma da manhã, nono ano, que ela foi minha aluna, ela... você não podia olhar pra ela. Como eu conheço todas as salas, eu não faço chamada.* (Fatima)

Nos discursos sobre o processo de amadurecimento global de meninos e meninas verificou-se nas entrevistas que há um consenso sobre estereótipos de masculinidades e feminilidades heterocêntricos, como refere Louro (2000). Relacionando gênero à indisciplina, observou-se uma coibição maior das transgressões das meninas. Não significa dizer que as meninas são consideradas mais indisciplinadas. A questão é que quando essas deixam de cumprir uma regra disciplinar da escola, recaem sobre elas, com evidente maior peso, as críticas por seu comportamento. Isso porque, no ideal de feminilidade hegemônico, a figura da mulher (da menina) está atrelada à obediência, ao falar baixo, ser contida, amável entre outros atributos de passividade. Emerge a naturalização de que brincadeiras consideradas agressivas e inoportunas, a resistência a obedecer e realizar as tarefas são coisas de menino, de modo que, as meninas não devem se misturar, se envolver e nem se assemelhar aos meninos.

Nas entrevistas foi possível observar concordâncias com as pesquisas no discurso de professores, mas, sobretudo, divergências quanto à diferença entre gêneros com relação ao *bullying*:

[Quanto aos meninos] (...) coloca de gay, de viado, às vezes de delicado menino que pai e mãe mima bastante e filho único ainda, então eles acabam chamando ai eu falei assim então se você chamar uma pessoa de viado, você tem que ter relação com ele, foto, você tem que provar que ele é, por que se você não provar que ele é, ele pode te processar e é pior, ele pode processar seus pais, E ai, você já andou com ele pra saber? “Não professora” então não chama mais, ai ele perde a graça (...) [Quanto às meninas] é..., fala assim segredo delas, conta muito segredo que elas não gostam, ai né nem os pais sabem, ai eu fico assim, mas pera ai, e se fosse com você? Você iria gostar? Eu sempre coloco eles no lugar da pessoa que eles estão falando, ai eles, acho que criam uma consciência e eu entro no meio do psicológico deles e acaba (...) (Andréa)

Diversos autores têm apontado significativas diferenças entre meninos e meninas em relação a esse fenômeno. É mais comum, segundo Boulton (1992), que meninos agredam tanto meninos quanto meninas, física e verbalmente, mas as meninas são agredidas principalmente por outras meninas e utilizam formas mais indiretas, como usar apelidos, as fofocas e a exclusão.

De acordo com Bandeira (2008), o *bullying* apresenta diferentes implicações na autoestima de meninas e meninos. Meninas que são vítimas/agressoras apresentam uma autoestima mais baixa do que meninos que são vítimas/agressores. Entre as meninas, baixos níveis de autoestima estão relacionados com o papel de vítima/agressor, o que não ocorre entre os meninos. Essa expressão das sexualidades então, para os entrevistados, dialogando com Costa, caminha à margem da pessoa definida socialmente como ser desejante.

Ao retratar a “menina perdida”, mais uma vez a professora coloca suas experiências vividas ou sonhadas como elemento de referência para a sexualidade ideal da adolescente. O ideal de inocência, retratado como um não querer ser assediada, um não saber sobre as coisas relativas à sexualidade, aparece nos discursos, sobretudo das professoras:

Então se vê que as meninas lá, a grande maioria já tem relação sexual, então é assim. Se com doze anos que é o sexto é assim, imagine o oitavo ano, a maioria

Se sobe o short e o menino passa a mão, então ela queria o que? Não todos, mas a maioria, nós temos uma sala assim que elas ficam passando, alisando, pra ver se tá marcando. E fica passando assim, é obvio que o menino olha. (Tania)

Grottpeter e Crick (1995) trouxeram o termo agressividade relacional para atribuir uma nomenclatura à violência praticada por meninas. Nesses casos, as meninas manipulam situações das interações sociais com o propósito de prejudicar relações e interações entre outras (amigas, por exemplo).

DISCUSSÃO

No debate acerca da adolescência, Duarte (2000) aponta e, de certa forma compartilha com Rubin (1992), quando discute as várias versões manipuladoras que tentam direcionar discursos pretensamente científicos acerca da adolescência. E estes discursos, trazem em seu bojo, vícios, preconceitos e significações estereotipadas sobre o ser jovem nas sociedades latinoamericanas.

Percebe-se, desse modo, uma imposição no pensar, no agir, nos comportamentos que foram naturalizados na cultura ocidental (BOURDIEU, 1999). A constituição viril do homem, por exemplo, não é um dom, é fabricada de acordo com um referencial idealizado de ser homem (BADINTER, 1993).

Outra forma de apropriação e naturalização comum na estrutura social e que se manifesta nas relações entre os adolescentes na escola é a masculinidade testada e avaliada por outros homens, que os qualificam como viril ou não (BOURDIEU, 1999), pois o menino é incentivado a manifestar a sua virilidade e provar que é macho. “Acusações como ‘prove que você é homem!’ são um desafio que o ser masculino enfrenta permanentemente” (BADINTER, 1993, p. 4).

Neste sentido, Rubin (1992) discute o que ela chama de grandes paroxismos morais do século XIX e afirma que na atualidade essa herança está presente, o que direciona e “(...) condiciona as atitudes em relação a sexo, nos procedimentos médicos, na educação das crianças, nas preocupações dos pais, na ação da polícia, na legislação sobre sexo” (RUBIN, 1996, p.3).

Mas Scott (1996, p. 9) atenta para o cuidado ao lidar com definições acerca de gênero, advertindo que:

Precisamos rejeitar o caráter fixo e permanente de oposição binária, precisamos de uma historicização e de uma desconstrução autênticas dos termos da diferença sexual. Temos que ficar mais atentas às distinções entre nosso vocabulário de análise e o material que queremos analisar. Temos que encontrar os meios (mesmo imperfeitos) de submeter, sem parar, as nossas categorias à crítica, nossas análises à autocrítica. [...] A história do pensamento feminista é uma história da recusa da construção hierárquica da relação entre homem e mulher nos seus contextos específicos e uma tentativa de reverter ou deslocar seus funcionamentos.

É a partir do aspecto multicausal e construcionista, tanto no que se refere ao *bullying* quanto ao gênero, que se leva em conta uma concepção sobre o adolescente e as sexualidades em suas manifestações, mas sem encerrá-los a uma condição cristalizante, um dever ser, da construção culturalmente dada a partir de um pressuposto essencialista sobre papéis sexuais das feminilidades e das masculinidades. Se, por meio da educação vislumbram-se muitos caminhos para a conquista da liberdade, os processos envolvidos na instituição escolar caminham, inúmeras vezes na contramão; fragmenta-se e divide-se, institucionaliza-se um modelo de representações das masculinidades e das feminilidades ao longo do processo educativo (ITANI, 1998).

Dessa forma, a pesquisa pretendeu colaborar para a produção de conhecimento sobre *bullying* a partir daqueles que, *a priori*, formam opiniões, reforçam crenças, valores e contribuem na inserção do adolescente no mundo social: os professores e as professoras. Compreendendo suas representações sobre o *bullying* e suas conexões com gênero, é possível entender parte da dinâmica da violência no âmbito escolar para compor programas preventivos ou de educação para a não violência. Na apresentação do gênero como uma possibilidade de análise das representações sobre o *bullying* entre os professores e desses em relação aos alunos, optou-se por trazer as considerações de Judith Butler e Joan Scott, pela relevância de seus estudos conectados ao movimento feminista que ganharam força a partir da década de 1980. O impacto dos estudos destas autoras refere-se a uma mudança no conceito de papéis sexuais que estava vinculado à perspectiva do sexo biológico e, ao mesmo tempo, a contribuição para subverter os modelos de categorização essencialista dos papéis de gênero.

Scott (1996), não sobrepõe a cultura aos aspectos biológicos, mas propõe a construção sociocultural para uma categoria de sexo. Dialogando com Scott, Judith Butler, filósofa americana, contribuiu de forma importante para a conceituação e para o trabalho com a categoria gênero. Butler (2003), empregou o termo relações de gênero como não apenas interações sociais entre mulheres e homens.

CONCLUSÃO

Em relação às meninas, observou-se que os professores percebem um comportamento de enfrentamento em relação aos meninos e também de competição entre as meninas, atribuindo essa forma de agir como uma característica da mulher. A marca da mulher como propensa à fofoca, às intrigas, à sexualidade exacerbada, torna o discurso dos professores conivente com a idealização da mulher adequada como aquela que se mantém discreta, recatada e mais servil. Referem que a geração de hoje, sobretudo as meninas, traz uma sexualização das relações muito precocemente e, justifica essa tendência maior nas meninas pela crença de que essas amadurecem física e emocionalmente antes dos meninos, perpetuando o discurso patriarcal, predominante em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, C. de M., **Bullying- auto estima e diferença de gênero**. (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 69 f., 2008.

BOULTON, M. J. Aggressive fighting in British middle schoolchildren. **Educational Studies**, 1992.

BADINTER, E. **XY: sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1993.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

DUARTE, K. **Juventud o juventudes?** Acerca de como mirar y remirar a lãs juventudes de nuestro continente. **Última Década**, nº 13, Chile, pág. 59-77, setembro de 2000.

GROTPETER, J. K.; CRICK, N. R. **Relational aggression, overt aggression, and friendship**. Child Development, 1995.

GUERRA, V. N. **de A. Violência psicológica doméstica: Vozes da Juventude**, SP, <http://www.ieditora.com.br> (Disponível somente para aquisição Online), 2001.

ITANI, A. **A violência no imaginário dos agentes educativos**; Cadernos Cedes, ano XIX, nº 47, dezembro/1998.

LOURO, G. L. (org.) **O corpo educado**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Rio de Janeiro: ABRASCO, 1993.

NOGUEIRA-MARTINS, M. C. F., BÓGUS, C. M. **Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde**. Saúde e Sociedade v.13, n.3, p. 44-57, set-dez 2004, <https://doi.org/10.1590/S0104-12902004000300006>.

RUBIN, G. S. Pensando sobre sexo: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade; in: ABELOVE, Henry; BARALE, Michèle Aina e HALPERIN, David; **The Lesbian and Gay Studies Reader**; London/New York, Routledge, 1992/1996

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Nova York: Columbia University Press, 1989/1992/1996.